

não se coibiram de expor as linhas essenciais do pensamento da autora, a saber, a tese de que o Espírito Santo é feminino e a consequente escolha e justificação da Rainha Santa Isabel como mulher arquétipo de Portugal (cf., p. 126). Consequentemente, segundo a tradição pacifista portuguesa, os autores do livro lembram que Natália Correia nos apresentou o Quinto Império como “harmonização das relações humanas pela afirmação dos valores tutelares associados ao universo feminino” (cf., p. 128), não se esquecendo, também, de por em evidência o politeísmo imanentista latente no pensamento da autora. Segundo, porque todo este ideário é retirado dos significativos mas desconhecidos textos da autora (suponho que esta tenha sido a primeira edição deste conjunto de doze textos) que

os investigadores, criteriosamente organizaram e publicaram em Apêndice ao referido estudo.

Convém concluir, em abono da verdade, que a cultura portuguesa está doravante mais rica pois pode contar com um texto avalizado que esclarece e aprofunda pormenores sobre algumas das raízes espirituais da nossa história e, em simultâneo dá à estampa pela primeira vez escritos importantes sobre essa temática de uma autora portuguesa do século vinte. Agora é tempo para os estudiosos interessados nestas matérias começarem a apreciar e estudar este legado que o trabalho profícuo de José Eduardo Franco e José Augusto Mourão nos puseram à disposição.

Artur Manso

• *FACES DO CATALICISMO
NO BRASIL*

Rogério Luiz Sousa / Clarícia Otto
(orgs.)

Editora: Ed. Insular (ISBN 9788574743790)
Florinópolis, 2008 - 376 pp.

“A história é uma aventura de interrogação”

ANTÓNIO MATOS FERREIRA

O catolicismo, na sua unidade e diversidade carismática, enquanto expressão fenomenológica de um sistema religioso, ao nível institucional, doutrinal, sociopolítico e cultural, é cada vez mais um objecto estimulante de estudo científico em vários planos.

O universo imenso do catolicismo e das suas metamorfoses históricas, ao expandir-se mundialmente à luz do seu matricial ideário universalista, fascina investigadores desde as áreas da História, passando pela Antropologia, Sociologia e pela Ciência Política até chegar ao cam-

po melindroso da Psicologia. Pela sua dimensão hegemónica e ambição totalizante em termos de presença no tecido antropológico-social, pela seu dinamismo militante, que procura atingir o Homem todo e todo o homem, pela sua implantação marcada pela conflitualidade e pela controvérsia, pelas suas expressões proféticas e utópicas, o catolicismo é, portanto, um magno e fascinante assunto de estudo.

No entanto, quando de catolicismo se trata em termos de pesquisa e análise científica temos que realizar um esforço prévio de exorcização de dois “demónios” que facilmente nos podem possuir: por um lado, o “demónio anticatolicismo”, tentando-nos no sentido da execração ou da crítica primária; e, por outro lado, o “demónio do filocatolicismo”, excitando-nos o desejo de exaltação e de encómio.

Com efeito, dada a afectação militante que o catolicismo implica, pela sua natureza de confissão religiosa e confissão religiosa cristã separada (e em concorrência com outras confissões cristãs e não cristãs)

e dado o movimento de anticatolicismo (de expressão especificamente anticlerical e não só) que ganhou dimensão ao longo da história e ainda continua a manifesta-se sob diversas formas com grande ênfase nos nossos dias, facilmente a investigação e a compreensão do fenómeno católico pode ser enfermada pela militância favorável ou desfavorável na apreciação da natureza e acção da Igreja Católica e das suas diferentes expressões sociais.

Aliás, sendo hoje o catolicismo uma das expressões religiosas mais mediáticas (para o bem e para o mal) em termos internacionais, com uma secular tradição de presença e influência no plano mundial, há uma certa moda instalada (e quase política e culturalmente tida como correcta) de ataque primário à Igreja Católica, a qual se tornou uma espécie de “bode expiatório” dos males, retrocessos e decadências da história. Numa época em que se levantou felizmente no plano cultural e nos grandes *mass media* uma espécie de código ético de tolerância, de pluralismo em nome do respeito por grupos, etnias, religiões, instituições e correntes que foram alvo, no passado, de fortes movimentos “antis” (exs: anti-semitismos, anti-islamismos, anticomunismos, etc.) sobrevive ainda poderosamente um “anti” que se tornou moda e parece concentrar toda a perspectiva de execração social que nos assalta: o anticatolicismo. Tal resulta, sem dúvida, do peso histórico da Igreja na configuração de poderes e mentalidades, e, no presente, a sua imagem social ser altamente apetecível em termos mediáticos, pela sua influência militante e expansiva, pelas suas doutrinas contra-corrente dominante em termos, nomeadamente, da ética sexual numa civilização hiper-erotizada.

Contextos socioafectivos complexos têm marcado o percurso da Igreja Católica no espaço e no tempo. O horizonte de compreensão da experiência religiosa de matriz católica está envolvido por um uni-

verso institucional percebido e condicionado por imaginários decorrentes de afectos e desafectos. Urge, por isso, que seja feita uma nova história do catolicismo que, em primeiro lugar, proceda à desminagem ideológica de muita historiografia que tende a olhar esta realidade muitas vezes de forma dualista, constituída mais como terreno de propaganda e de combate do que como objecto de estudo a compreender melhor do que julgar. Como em muitos campos polémicos da história, a este se aplica superlativamente aquele desiderato programático do pai da nova história francesa, Lucien Febvre: «*j'ai refusé de composer en histoire, une fois plus. D'être complet. Complet, ce beau mot d'enfant, ou de vieux savant: c'est tout un. Je ne serais pas complet. Je voudrais, une fois de plus, comprendre, et faire comprendre. Comprendre, ramasser, ressaisir, reconstituer, comprendre. Et ce livre va en rejoindre d'autres – qui eux non plus se sont pas complets. Mais tous, je l'espère, proposent quelque énigme à notre besoin de trouver*» [Lucien Febvre, *Amour sacré, amour profane*, Paris, 1996, pp. 11-12].

Ora, a investigação histórica em torno do catolicismo deve procurar prevenir-se contra armadilhas que impedem a construção de uma análise complexizante desta experiência confessional institucionalizada da religião cristã. Importa, à partida, evitar incorrer em julgamentos primários decorrentes de estereótipos produzidos por militâncias várias. E, em segundo lugar, é preciso superar a tendência de encarar o estudo do catolicismo como uma realidade uniforme.

Esta obra, organizada em boa hora por Rogério Luiz de Souza e Clarícia Otto, situa-se nesta nova linha de pesquisa histórica contemporânea que realiza o desiderato de compreender o catolicismo no Brasil, com especial focagem na sua presença no Estado de Santa Catarina, como realidade plural e pluralmente compreendida. Além de apresentarem como

fito programático de base a percepção hermenêutica da Igreja Católica nas suas diferentes manifestações e redes de relações e afirmações como uma realidade tudo menos uniformizada, os organizadores deste livro e os seus autores propõem-nos que seja abordada, questionada e compreendida também pluralmente mediante diversos prismas.

De facto, o Brasil, país do mundo que desenvolveu uma das mais vastas experiências de institucionalização da Igreja Católica, sendo um dos territórios nacionais com mais dioceses, é também aquela geografia social onde o catolicismo é mais diverso, mais criativo e mais poroso a sincretismos vários em tensão permanente com o esforço da hierarquia católica no sentido de garantir a fidelidade à ortodoxia doutrinal definida desde Roma.

Estudar, pois, o catolicismo brasileiro é, com efeito, estudar uma experiência de implantação e afirmação da Fé Cristã confessionalizada numa estrutura modeladora com uma história que não é desligável da história do país e das derivas internacionais da religião e da política.

A obra que aqui recenseamos é bem reveladora da complexidade e diversidade do catolicismo brasileiro modelado,

mas ao mesmo tempo condicionado de uma forma dialógica pela estrutura do poder internacional da Igreja.

O leitor e o estudioso pode encontrar neste livro ótimos estudos que se têm desenvolvido no Brasil no plano académico por jovens investigadores ao lado de estudiosos mais experimentados. Estamos perante uma partilha de investigação em que se propõem novas abordagens do catolicismo de uma forma que procura ser rigorosa e comprometida com o fim de compreender a experiência católica como realidade plural.

Além do grande interesse e da novidade dos temas aqui estudados, esta obra abre novas perspectivas de pesquisa que podem empenhar novos investigadores no aprofundamento e diversificação do estudo do catolicismo que é, com efeito, um universo quase infinito de possibilidades de conhecimento e de significação.

Ler esta obra é encetar de facto uma aventura de compreensão que deve ser em primeiro lugar a missão da construção da história como revisitação do passado guiada por uma insistente interrogação.

José Eduardo Franco

• *A PRIMEIRA PEDRA*

Sérgio Nazar David

Editora: 7Letras (ISBN 9788575773192)
Rio de Janeiro, 2006 - 76 pp.

É verdade que uma simples palavra, como diz o Poeta, "acende o que está perdido"... Porém, *A Primeira Pedra* é muito mais do que uma palavra, muito mais do que um simples verso que, no dizer de Sérgio Nazar David, "ia morrer comigo". *A Primeira Pedra* é um clamor de libertação, um grito de resgate, um arco-íris de promessa, um verdadeiro apelo à vida, ou, se preferirmos, uma esperança de ressurreição, apesar das

múltiplas "(...) sombras tortas / que a vida tem". Uma esperança que se estende aos que já partiram e que se vislumbra na bela imagem de uns braços que se alongam para chorar com o Poeta: "(...) Tudo / já estava terminado, e eis-me / aqui de novo a teu lado." Uma esperança, igualmente, para os que ainda cruzam o deserto em demanda de um oásis, em busca de uma nova partida, ou, quem sabe, para aqueles que procuram incessantemente o rumo de uma ilhazita perdida, algures, nas rotas agrestes do mar: "Perto de cada ilhazita, a mesma dor das coisas extraordinárias, como na primeira viagem."